

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE

MARISSOL ANDRÉ NERES
THAYS VALENTE MAGALHÃES

AS DUAS FACES DE JANE AUSTEN

POSSE – GO
NOVEMBRO/ 2012

MARISSOL ANDRÉ NERES
THAYS VALENTE MAGALHÃES

AS DUAS FACES DE JANE AUSTEN

Monografia apresentada à Coordenação de
Letras da Universidade de Goiás – Unidade
Universitária de Posse, para obtenção do grau
de licenciadas em Letras Português/Inglês.

Orientador (a): Prof^a. Dra. Jane Adriane Gandra

POSSE - GO

NOVEMBRO/ 2012



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE POSSE-GO
PRODUÇÃO DE TRABALHO ACADÊMICO (PTA)
DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE MONOGRAFIA

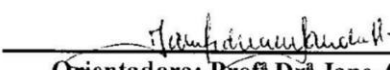
FOLHA DE APROVAÇÃO

Autores: Marissol André Neres e Thays Valente Magalhães

Título: "As duas faces de Jane Austen"

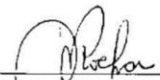
Monografia defendida e aprovada em 21/11/2012

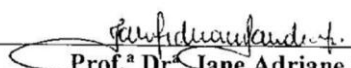
com NOTA 9,6 (nove, seis), pela comissão julgadora:


Orientadora: Prof.ª Dr.ª Jane Adriane Gandra (UEG)


Prof.ª Especialista Isaura Maria Mendonça (UEG)


Prof.ª Especialista Mary Luci de Oliveira Lunezzo (UEG)


Prof.ª Esp. Doralice Santiago Rocha
Coordenadora do Curso de Letras-Português/Inglês


Prof.ª Dr.ª Jane Adriane Gandra
Coordenadora de TCC

UEG-Universidade Estadual de Goiás
Unidade Universitária de Posse
Autenticação
Confere com o Original
Data: 21/11/2012

Dedicamos este trabalho aos nossos pais, familiares e amigos que nos incentivaram e apoiaram ao longo desses quatro anos de curso. “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres.”

(Simone Beauvoir, *O segundo sexo*, 1945).

AGRADECIMENTOS

Aos nossos amigos, pela compreensão do fato de não podermos estar sempre reunidos, devido estarmos inteiramente dedicadas à elaboração deste importante trabalho.

Agradecemos a todo corpo docente da UEG, que nos acompanhou e motivou durante esses quatro anos de curso.

Aos nossos pais, que sempre nos cobraram ao máximo o melhor desempenho na faculdade. Agradecemos a professora Jane Adriane Gandra por ter nos orientado para a realização deste importante trabalho.

Agradecemos a Deus, por ter nos abençoado e nos dado forças para que não desistíssemos.

RESUMO

Orgulho e Preconceito, considerado como um dos melhores romances do conjunto de obras de Jane Austen, retrata a tradicional e conservadora sociedade inglesa do final do século XIX. Uma das características peculiares das composições realistas desta autora é o fato de o leitor poder encontrar um minucioso estudo crítico dos costumes e da burguesia local. Mesmo sendo educada sob os rigores do puritanismo inglês, Jane Austen era uma mulher sagaz e independente, sempre esteve à frente de seu tempo. Este temperamento forte e decidido é uma das marcas de suas heroínas. Fundamentadas nisso, esta pesquisa pretende analisar se as duas personagens, as irmãs Jane e Lizzy Bennet, são de fato as porta-vozes da autora. No sentido de que juntas, o lado racional (Elizabeth) e o idealismo romântico (Jane), representariam, sob a ótica da razão e da sensibilidade, a visão de mundo dessa autora que, inconformada, denuncia, dentre muitos fatores, as severas convenções sociais a que eram submetidas às mulheres de seu tempo.

Palavras-chave: *Orgulho e Preconceito* – Jane Austen – Feminino – Realismo – Burguesia Inglesa.

ABSTRACT

Pride and Prejudice, considered one of the best novels of all works of Jane Austen, depicts the traditional and conservative English society of the late nineteenth century. One of the peculiar characteristics of realistic compositions of this author is that the reader can find a detailed critical study of the customs and the local bourgeoisie. Even being educated under the rigors of English Puritanism, Jane Austen was a shrewd and independent woman, has always been ahead of its time. This strong-willed and determined is one of the hallmarks of her heroines. Based on this, this research aims to examine whether the two characters, sisters Jane and Lizzy Bennet, are in fact the spokesmen of the author. In the sense that together, the rational side (Elizabeth) and romantic idealism (Jane), represent the perspective of reason and sensibility, the worldview of an author who, dissatisfied, denounces, among many factors, the strict conventions social woman who was the subject of his time.

Keywords: *Pride and Prejudice* - Jane Austen - Female - Realism - English Bourgeoisie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I – UM BREVE ESTUDO SOBRE O FEMININO	12
1.1 . As mulheres: Entre a visão romantizada do casamento ou uma união por interesse.	15
1.2. Características românticas e racionais nas personagens femininas de “ <i>Orgulho e preconceito</i> ”	19
CAPÍTULO II -AS DUAS FACES DE JANE AUSTEN: ELIZABETH E JANE ..	26
CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Orgulho e Preconceito foi publicado em 1813, marcando a transição de uma fase inicial para os trabalhos da maturidade de Jane Austen, sendo ainda este um de seus livros mais importantes. Marcado pela sutileza e ironia, esta obra é um retrato da estrutura social da Inglaterra do final do século XVIII e início do século XIX, evidenciando os poderes econômicos e sociais dos homens, ao mesmo tempo em que procura revelar os problemas e questionar as regras daquela sociedade patriarcal.

Dentre estes temas, a questão do casamento é um dos que Jane Austen mais dá atenção. Possivelmente, porque ela tenha passado por uma experiência negativa, por ser mulher não teve direito à fortuna do pai. Naquela época, as mulheres não eram consideradas herdeiras dos bens paternos, já que estes eram herdados somente por filhos varões. Assim, para garantir um futuro melhor e uma vida mais digna, as inglesas setecentistas só pensavam em se casar com homens de alto poder aquisitivo. Um exemplo disso, discutido ao longo deste trabalho, é a mãe de Jane e Elizabeth, Mrs. Bennet, que tem como missão casar bem suas filhas, mesmo que isso lhe custe a imagem de senhora educada.

Diante disso, a presente monografia, intitulada *As duas faces de Jane Austen*, busca compreender as representações femininas na obra *Orgulho e preconceito*. Para nós, quando a autora enfatiza a mulher na referida ficção, ela tende a criar um modelo de mulher romântica e outra racional. Nesse sentido, cada uma dessas personagens reage diferentemente diante das situações do dia-a-dia, do casamento e das experiências familiares e sociais.

Com vistas à uma discussão objetiva, o trabalho foi dividido em dois capítulos centrais, sendo que no primeiro, apresentamos um breve estudo sobre o feminino, desde a época em que a mulher era tratada como um ser fragilizado até o momento em que ela ganha instrução e, até mesmo, passa a veicular por meio de seus romances a sua visão crítica de mundo.

No século XVIII, este perfil de mulher que conquista o direito de aprender e abandona o estereótipo das prendas do lar começa a se modificar e a ser ampliado. Jane Austen pode ser comparada a este tipo de mulher intelectualizada, que mesmo não tendo se casado nunca se colocou na posição inferior diante das imposições do sistema patriarcal. Contudo, intriga-nos que a sua voz esteja tanto na personagem Jane (a versão da mulher romântica) e Elizabeth (a versão da mulher racional). O que nos leva a pensar: será que a autora se realiza enquanto mulher em ambas as personagens? Deixando, com isso, que seus sonhos femininos ganhem

espaço no discurso de Jane e sua crítica ao modelo decadente de civilização inglesa apareça nas falas de Elizabeth? Para responder a esta questão, reservamos o segundo capítulo, para que de maneira mais detida possamos apontar as qualidades e defeitos tanto da mulher racional quanto da mulher romântica. Jane, por exemplo, é personagem ingênua, não vê maldade em ninguém e sonha com um casamento de contos de fadas. Já Elizabeth, mais racional, é astuciosa, orgulhosa, impulsiva e tende a julgar as pessoas pelas suas impressões de momento. Mas de temperamento firme, ela não aceita que lhe escolham com quem casar, por meras conveniências financeiras. No fundo, esta personagem sonha em se casar por amor e não pelo dinheiro que o futuro marido venha a ter.

Na conclusão, procuramos ressaltar que há no discurso da autora Jane Austen duas mulheres que veem o mundo de maneira distinta, uma que se define romântica e outra que é toda racional, mas que no fundo são as duas faces da própria autora.

Por fim, segundo Adriana Zardini, Jane Austen parece ser a voz feminina desse tempo, por meio de suas heroínas, algumas ridículas, engraçadas, desafiadoras, românticas e outras racionais. Nesse sentido, o universo feminino do século XIX é apresentado de maneira clara e, de modo geral, representa a universalidade da experiência humana.

CAPITULO I – UM BREVE ESTUDO SOBRE O FEMININO

Com o passar dos séculos, a mulher foi ganhando importância na sociedade patriarcal. Inicialmente, a mulher era uma mera reprodutora. Não participava da criação e nem da educação de seus filhos, por não serem consideradas “responsáveis pela criação dos filhos, nem convocadas a assumir uma função materna” (ROUSSEAU, *apud* NUNES, 2000, p 20). Esse era um papel que cabia à criadagem e às instituições pedagógicas e/ ou religiosas.

A mortalidade e sobrevivência das crianças constituíam um problema social. E com a nova ordem familiar foi dada maior atenção à infância. Esse movimento ocorreu ao longo do século XVIII e durante todo o século XIX, de maneira lenta e ailinear.

Nessa nova estrutura, a relação mãe e filho passa a ter uma importância fundamental [...]. É nesse momento que se dá sua fixação no lugar de esposa e mãe, pois até então possuía um papel secundário junto aos filhos, sendo igualada a estes na submissão ao pai (DONZELOT, 1980, *apud* NUNES, 2000, p 21).

Segundo Donzelot, citado por Silvia Nunes (2000), essa transformação da mulher em mãe constituiu um processo que “determinou uma formulação profunda da imagem do sexo feminino” (NUNES, 2000, p.22). Surgindo então uma necessidade de “redefinir” o perfil feminino, adequando-o à nova função.

A mulher então passa a ganhar força, onde uma imagem de esposa e mãe, doce e bondosa, fazem parte de suas características, mas que vai ser questionada pelo Cristianismo. A religião vai sempre associar à imagem feminina ao sexo e ao mal. Isto é, “as mulheres [eram vistas] como seres traiçoeiros que atacam a luxúria e o ciúme, lançando os homens uns contra os outros” (CHAUÍ, 1995, p. 295-296). Essa figuração da mulher tida como filha de Eva e do pecado, pois ela era portadora do mau, perdura desde a Idade Média. Assim, acreditava-se que sendo ela o sexo frágil poderia atender ao pecado, tornando-se “predadora da humanidade.”

Mesmo sob forte impressão negativa, as mulheres, a partir do século XVII, conquistam o direito de aprender, e o seu espaço feminino e delicado começa a se modificar. A disputa entre homens e mulheres durante este século é bem forte. Começam a surgir, então, mulheres que lutam por seus ideais, como a inglesa Mary Astell, que escreve uma defesa da educação feminina e convida as mulheres a buscarem instruções para si, até então desconhecidas.

Um novo perfil passa a ser vinculado à mulher no século XVIII, com um propósito de atribuir a diferença entre os sexos. Começa-se então uma nova era para a humanidade, principalmente para as mulheres. Uma transformação se inicia para a sociedade, aos poucos a mulher vai ganhando espaço, não só socialmente, mas também nas artes. Muitos escritores passam a dar prioridade aos romances onde mulheres são personagens principais. Com belezas contempladas, espiritualidade forte, e uma história de vida, essas personagens femininas, conquistaram milhões de leitores em todo o mundo. Capitu de *Dom Casmurro* é uma dessas personagens marcantes, graças a uma estratégia de Machado de Assis que instaurou na mente do leitor a dúvida: Será que “[...] seus olhos de cigana oblíqua e dissimulada” guardavam um segredo de traição, ou a visão psicológica de Bentinho era errônea? Contudo, segundo Antonio Candido (1998), a personagem feminina, como qualquer outra, “[...] é sempre uma configuração esquemática, tanto no sentido físico como psíquico embora formal seja projetada como um indivíduo” real”, totalmente determinado” (CANDIDO, 1998, p. 31).

A mulher na literatura vai representar, quer seja no gênero lírico, épico e dramático, o papel de musa, muitas vezes exercendo o papel de submissa ou traidora, em maioria, sob uma ótica patriarcal. Com a evolução da sociedade, com a instrução da mulher, a literatura, que também as educava por meio do romance, vai incentivá-las a escrever. A partir daí vão surgir escritoras no mundo todo que vão ser um marco na história feminina.

Em “O segundo sexo”, de Simone Beauvoir (1945), começa-se a criar a ideia de respeito entre os sexos, o “outro”. Nesse texto, a autora justifica a visão patriarcal, onde seria impossível representar esse outro, seja um homem ou mulher, com coerência, pois sempre será uma tentativa de representação do oposto, de “eu”, cada um com sua visão e ideologia.

Esta discussão acerca das desigualdades e ideologias contra e a favor da mulher é longa e requer estudos minuciosos. Muitos críticos, homens em maioria até o início do século XX, viam os textos femininos como uma “exceção”. A escritora inglesa Virginia Woolf, em “Um teto todo seu” (1928), faz da literatura um “pódio”, onde sugere às mulheres a independência - inclusive financeira, para ter “voz” na sociedade machista. Pode-se observar não só pelo lado das idéias e preconceitos dos teóricos, mas da própria representação literária que a mulher é apresentada como reprodutora, “cujos filhos machos” devem desde cedo dela diferenciar-se e “serem alertados sobre este necessário distanciamento e o reforço da identidade masculina” (WOOLF, 1929, p.59).

As correntes teóricas literárias de hoje sofrem grande influxo dos estudos culturais, e quebram esse “tabu”, de que a mulher é somente uma reprodutora, sem capacidades culturais e intelectuais. Sobre isso, para Alain Touraine (2006), a mulher hoje é sinônimo de orgulho e superação, pois foram elas “ [...] que inventaram uma sociedade situada além da separação dos homens e das mulheres” (TOURAINÉ, 2006, p.123). Desse modo, Touraine afirma que o eu feminino, com o passar dos tempos se mostrou cada vez mais desenvolvido intelectualmente e culturalmente. Mudando a história, as mulheres estão cada vez mais provocando mudanças, tanto no âmbito social, político e artístico. Surgem então, mais e mais escritoras que expõem suas ideias e ideologias de vida, aconselhando outras mulheres e, até mesmo, homens a viver um pouco melhor. Assim, segundo este sociólogo francês, o desafio consiste “[...] compreender as mulheres na origem da nova sociedade e da nova cultura que se forma sob nossos olhos” (TOURAINÉ, 2006, p.125).

No próximo subcapítulo, iremos discutir a presença de características românticas e realistas nas personagens da obra, *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, consistindo no recorte que pretendemos fazer neste estudo.

1.1 . As mulheres: Entre a visão romantizada do casamento ou uma união por interesse

O casamento é uma das preocupações das mulheres retratadas por Jane Austen em sua obra *Orgulho e Preconceito*. Ele tem um duplo sentido para a sociedade de oitocentos, como ascensão social, meio de se ter uma vida confortável ou casar-se por amor, igual aos romances lidos. De acordo com Margaret Sullivan, (2007) “ [...] o casamento era um ‘acordo’ entre as famílias. As mais abastadas tinham o interesse em aumentar ainda mais suas rendas e propriedades; já os mais pobres vislumbravam a ascensão social” (SULLIVAN, 2007, p.156). O casamento era uma forma de estabilidade, de segurança e despreocupação com a velhice. A própria escritora vivenciou o fato de não ter se casado, sabendo o que a esperava no futuro, já que não herdaria posses do pai. Essa preocupação excessiva de que “ mulheres solteiras têm uma tendência terrível para a pobreza, o que já é um forte argumento em favor do casamento” (MOODY, 2004, p.135), configura-se no papel da mãe de Elizabeth e Jane. Logo no início da narrativa, há um alvoroço na casa dos Bennet, devido à notícia da chegada de um jovem rico, Mrs. Bennett assume a missão de apresentar as filhas ao novo vizinho afortunado.

- Pois saiba meu caro, que, pelo que a Mrs. Long me disse, Netherfield foi alugado por um jovem de grande fortuna, proveniente do norte da Inglaterra. Chegou na segunda feira, em uma carruagem puxada por quatro cavalos, para visitar o local, e ficou tão encantado que logo aceitou as condições do Mr. Morris. Ocupará a casa antes do dia de São Miguel e alguns de seus criados deverão chegar já no fim da próxima semana.
- Como se chama ele?
- Bingley.
- É casado ou solteiro?
- Oh, solteiro naturalmente, meu caro! Um homem solteiro e de grande fortuna, com rendimentos no valor de 4 ou 5 mil libras anuais. Que coisa maravilhosa para nossas filhas!
- Como assim? Em que isso poderá afetá-las?
- Meu caro Mr. Bennet – retorquiu sua mulher -, que enfadonho o senhor é!
Sabe perfeitamente que estou pensando em o casar com uma delas.
- Será essa a intenção dele ao vir instalar-se aqui?
- Intenção! Que disparate é esse que está dizendo! É bem possível que ele se apaixone por uma delas, e exatamente por isso o senhor deve ir visitá-lo logo que ele chegue (AUSTEN, 2011, p.8)

O diálogo entre Mr. Bennet e Mrs. Bennet reflete o pensamento da sociedade inglesa do final do século XIX. Embora o marido finja ignorar a convenção social, Mrs. Bennet sempre o faz lembrar e insiste que ele as obedeça. Contudo, Mrs. Bennet persuade o marido a se antecipar aos outros da vila a uma visita a Bingley. Se pudesse, ela mesma o faria, mas pela convenção vigente, a mulher não poderia estabelecer relações com outra família antes da apresentação formal do marido.

Mr. Bennett é outro tipo desenhado por Austen que não representaria o papel capitalista da sociedade da época. Mesmo sabendo do destino incerto das filhas quanto à herança, ele não aceita os casamentos arranjados pela esposa, pois, antes de ser o candidato um bom partido, o desejo paternal é o de ver as filhas felizes ao lado de pessoas de caráter e generosas, que tivessem afinidades com as mesmas.

[...]- Lizzy – respondeu Mr. Bennet-, já dei o meu consentimento. Ele é realmente um desses homens a quem eu nunca recusaria alguma coisa que ele condescendesse em pedir. E agora torno a lhe dar o consentimento, se a isso está decidida. Mas aconselho-a a pensar melhor. Conheço o seu gênio, Lizzy, penso que jamais seria feliz me equilibrada não ser que estime realmente o seu marido, a não ser que possa considerá-lo o seu superior. Sua vivacidade e inteligência a colocariam numa situação de grande perigo num casamento desigual. Ser-lhe-ia difícil salvar sua reputação e a sua felicidade. Minha filha, não me dê o desgosto de vê-la impossibilitada de respeitar o seu companheiro de vida. Você não sabe a seriedade do passo que está dando. [...] (AUSTEN, 2011, p. 418)

Os casamentos de conveniência eram uma prática entre os ingleses do século XIX. Um episódio que discute este tema, o do matrimônio no sentido de agregar fortunas, é no momento em que Lady Catherine, ao saber das intenções do sobrinho em desposar Lizzy, procura esta exigindo que ela se afastasse de Darcy, usando as artimanhas que lhe eram convenientes.

– O compromisso entre os dois é um tipo especial. Desde a infância estão destinados um ao outro, Esse era o grande desejo da mãe dele e é também o meu. A senhorita perdeu toda a noção de sentimento e delicadeza? Não me ouviu dizer que, desde os primeiros momentos, ele estava destinado à prima? (AUSTEN, 2011, p 393).

De maneira astuciosa, por outro lado, Lizzy desarma a senhora, mostrando o papel deplorável que ela se submetia, utilizando-se de argumentos ridículos, em nome do dinheiro.

– E se eu fosse escolhida, por que não deveria aceitá-lo?

– Porque a honra, o decoro, a prudência e o interesse o proíbem. Sim, senhorita, o interesse também, pois não pode esperar que venha a ser prestigiada por sua família ou amigos, se insistir em agir contra a vontade de todos. Será censurada, desprezada e humilhada por todos os que estão ligados a ele [fala de Lady Catherine] (AUSTEN, 2011, p. 394).

Lizzy, exercitando a sua sagacidade, indica a Lady Catherine os outros benefícios dessa união, do que ter que suportar a presença de parentes esnobes e prepotentes de Darcy: “ [...] Isso é de fato uma grande desgraça. Mas não faltarão muitas fontes de felicidade à esposa do Sr. Darcy, e ela poderia não ter motivos para arrepender-se” . (AUSTEN, 2011, p.396).

Esta postura senhoril de Lizzy denota, para Ellen Moody (2004), as tendências feministas presentes na obra de Jane Austen. Ainda no que se refere ao papel autônomo das mulheres, ela descreve uma fria e objetiva visão das limitadas opções das mulheres em relação ao casamento, que podem ser relacionadas à personagem Charlotte Lucas.

[...] Num espaço de tempo tão curto quanto o permitiram os longos discursos de Mr. Collins, tudo foi combinado satisfatoriamente para ambos. E, ao entrar em casa, ele pediu gravemente que ela marcasse o dia em que o faria o mais feliz dos homens. Ainda que tal solicitação devesse ser afastada no momento, a moça não se sentiu inclinada a arriscar sua felicidade. A impermeabilidade com que o dotara a natureza devia privar a sua corte de qualquer encanto que pudesse fazer uma mulher desejar prolongá-la. Miss Lucas, que o aceitara por puro e desinteressado desejo de firmar a sua situação na vida, se preocupava pouco com a data que isso acontecesse (AUSTEN, 2011, p 145)

Jane Austen vai ainda recriar o universo das mulheres muito novas, em que a educação fútil que recebem contribui para a corrupção dos seus espíritos, pois são vaidosas, superficiais e intransigentes. Exemplos disso são as duas filhas caçulas dos Bennet. Tanto Lydia com Kitty são o retrato fiel da mãe em frivolidades. As duas almejam apenas se casarem com um homem rico. Lydia chega ao ponto de se inquietar ao saber da vinda de homens novos à cidade. Para ela, conversar sobre relacionamento entre homens e mulheres era fonte de grande diversão.

[...] Por mais suficientes que fossem as novidades que encontrassem pelo caminho, sempre conseguiam extrair algumas da tia. Presentemente, aliás, elas se encontravam bem supridas, quer de notícias, quer de felicidades, graças à chegada recente de um regimento da milícia. O regimento deveria permanecer em Meryton durante todo o inverno, e lá ficava a sede do comando (AUSTEN, 2011, p.238).

Mas a autora dá um final surpreendente à sua obra quando Jane e Lizzy se casam não por causa da renda dos seus maridos, mas porque estavam apaixonadas. Este desfecho demonstra a sensibilidade da autora em discutir criticamente a questão da mulher e do matrimônio, sem se esquecer de atender aos gostos do público feminino, que se deleitavam com os *happy end*. Esta dose de sentimentalismo romântico vai ser exercitada por meio da personagem Jane que tinha uma visão idealizada das pessoas e de seus destinos. Num desses momentos da trama, Jane está radiante de alegria, pois oficializara o seu noivado com Bingley: “ – É demais! É demais mesmo! Eu não mereço isso. Oh, por que todo mundo não é feliz?” (AUSTEN, 2011, p. 384).

1.2. Características românticas e racionais nas personagens femininas de *Orgulho e Preconceito*

Orgulho e Preconceito de Jane Austen, narra a história de Jane e Elizabeth Bennet, duas irmãs que são completamente diferentes no que diz respeito ao amor. Jane é mais romântica, não vê malícia nas pessoas e pensa em casamento. Já Elizabeth é menos sonhadora. Racional, tende a julgar as pessoas pelas suas impressões. Contudo, a sua concepção sobre o casamento é influenciada pelo sentimentalismo de se casar por amor e não pelo poder, pelo dinheiro que o futuro marido venha a ter. Ela deseja no íntimo casar-se com alguém que realmente a ame. Diferentemente da sua mãe, Mrs. Bennet que tinha como obsessão na vida arrumar casamentos para suas filhas. Devido a isto, a mãe torna-se desagradável e intolerante, principalmente, diante dos olhos de Lizzy e seu pai.

No início do romance, Mr. Bingley chega à cidade e se instala em Netherfield, juntamente com seu amigo Mr. Darcy, que é uma pessoa mais reservada e não costumava conversar com pessoas que mal conhecia. Logo que conhece Jane, Bingley quer cortejá-la, mas recebe severas críticas tanto do amigo quanto de suas irmãs.

De outro lado, quando Elizabeth conhece Darcy e, este a rejeita para uma dança, ela passa a ter uma imagem negativa do moço. Seu desgosto aumenta ainda mais quando ela descobre que foi Darcy quem aconselhou e levou embora Bingley, para que ele esquecesse a moça interiorana. Assim, o preconceito de Lizzy aumenta em relação a Darcy, que lhe parecia uma pessoa desprezível e odiosa.

Entretanto, as más impressões vão se desvanecendo, quando numa estada na casa da amiga Charlotte, Darcy tem a oportunidade de esclarecer todos os mal-entendidos. Além disso, ele ajuda no casamento improvisado de Lydia com Wickham que, ao saber disso, Lizzy fica

comovida e percebe que cometera muitos erros em relação a Darcy, um deles fora recusar o pedido de casamento, que ele lhe fizera tempos antes. O orgulho e o preconceito de ambos acabam impedindo-os de concretizarem seus verdadeiros sentimentos, o de se amarem.

A personagem Elizabeth diferente da romântica Jane tem uma personalidade forte e marcante. Tanto assim que, até mesmo, seu pai, não tenta contrariá-la nas decisões que ela toma. Lizzy, como é chamada carinhosamente, é tão alheia ao sentimentalismo romântico que não se abate com a opinião de escárnio de Darcy, quando em um diálogo com o amigo Bingley, sobre dançar com as moças do lugar, menospreza a todas inclusive ela própria.

- Não quero dançar. Você escolheu para dançar a única moça bonita desta sala (...), ele desviou os olhos dos de Lizzy, e dizendo com frieza respondeu: -Ela é passável, mas não chega a tentar-me. Continue a dançar [diz ele a Bingley], está perdendo tempo comigo (AUSTEN, 2011, p. 17).

Contudo, Lizzy revida com bom humor e sagacidade, mostrando-se indiferente aos juízos que ele possa formar dos outros, uma vez que, ela deixa claro, ser ele a pessoa inconveniente da situação.

[...] Depois de tocar algumas canções italianas, miss Bingley atacou uma alegre canção escocesa e pouco depois Mr. Darcy, aproximando-se de Elizabeth, lhe disse:

- A senhora não se sente inclinada a aproveitar esta oportunidade para dançar? – perguntou ele.

Ela sorriu, porém não disse nada. Ela repetiu a pergunta, um pouco espantado com o silêncio dela.

- Oh – disse Elizabeth –, ouvi o que perguntou antes, mas não pude determinar imediatamente o que deveria responder. O senhor queria que eu o fizesse afirmativamente para ter o prazer de desprezar as minhas preferências; mas eu sempre gosto de perturbar essas estratégias e roubar às pessoas o lance que premeditam. Resolvi portanto responder-lhe que não desejo absolutamente dançar; e agora me despreze, se ousar. (AUSTEN, 2011, p. 64-65).

Além disso, a escritora no protesto de Elizabeth Bennet considera que as mulheres devem ser levadas a sério, não somente por serem bonitas e elegantes: “[...] não me considere uma mulher elegante que tem a intenção de atormentá-lo, mas uma criatura racional, falando a verdade de coração” (AUSTEN, 2011, p.129). A heroína da trama não segue os padrões da época e se recusa a correr atrás de pretendentes, como desejava sua mãe. Mrs. Bennet queria a todo custo, ver suas filhas casadas, de preferência com um marido de alto poder aquisitivo. Mrs. Bennett representaria, portanto, toda a mediocridade das mães da época que reproduziam

preceitos patriarcais. Por isso, o leitor não se surpreende com o tom caricatural na descrição dessa personagem tão peculiar.

[...] O espírito dela era menos difícil de compreender; tratava-se de uma senhora dotada de inteligência medíocre, pouca cultura e gênio instável. Quando se aborrecia imaginava que estava nervosa. A única preocupação da sua vida era casar as filhas. Seu consolo, fazer visitas e saber das novidades (AUSTEN, 2011, p. 10).

Se a mãe corresponde ao atraso e a subjugação do feminino no universo patriarcal, Lizzy, por seu turno, é a representatividade da mulher à frente do seu tempo, instruída e politizada, que quando provocada intelectualmente sabia argumentar assuntos que não só bordados, músicas e desenho. Bem aproximada à construção de uma personagem realista, não tinha só virtudes. Dentre os seus defeitos, o mais acentuado era a maneira orgulhosa e com certa arrogância com que julgava as pessoas à primeira vista. Sua visão acerca do amor, como sendo um sentimento correspondido, fazia com que decretasse não se casar se não houvesse reciprocidade.

[...] O senhor está pensando como seria insuportável passar muitas noites deste modo, numa sociedade como esta. Aliás, estou de acordo com o senhor. Nunca me aborreci tanto! A insipidez, apesar deste barulho, a futilidade, apesar do ar de importância de toda esta gente. O que eu não daria para ouvi-la falar com severidade [...] (AUSTEN, 2011, p.35).

Diferentemente de Lizzy, Jane é mais ordeira, doce e meiga. Seu sonho mais íntimo é conhecer um homem bom para se casar. Fato que parece vir a tornar realidade com a chegada dos Bingley a Netherfield Park. Jane tem um “ar” sonhador, que a faz em certos momentos sair da realidade de seu dia a dia, e não ter coragem para revelar-se apaixonada por Bingley. Atitudes essas que irão incorrer em muitos equívocos entre ela e o amado. De temperamento passivo e retraído, julga, até mesmo para si, não ser capaz de ser admirada e amada por um homem de posses como ele.

[...]Quando Jane e Elizabeth ficaram sozinhas, a primeira, até então cautelosa nos elogios a Bingley, confessou quanto o admirara.

—Ele é exatamente o que um rapaz deve ser: sensato, bem humorado e cheio de vida. [...]

—Fiquei toda envaidecida quando me convidou para a segunda contradança. Não esperava o galanteio. [...] (AUSTEN, 2011, p.20).

Se Lizzy desconfiava da boa intenção dos outros, por outro lado, Jane era crédula, confiava no bom caráter de todos. Sempre atenciosa, amorosa está sempre pronta a ajudar.

Gosta de todo mundo. Um ponto muito positivo do tipo de personalidade idealista de Jane é que de um modo geral são otimistas e esperançosos. Os idealistas contagiam as pessoas ao seu redor com seu otimismo. Por isso não conseguiu imaginar que as irmãs de Bingley, reprovavam o relacionamento do irmão com ela. Assim, acreditava que as simpatias que as irmãs de Bingley lhe dispensavam era um indicativo da aprovação da família dele.

[...] - Nunca vê defeito em ninguém. Aposto que gostou também das irmãs do rapaz. As maneiras delas não são muito simpáticas...

- De início, não. Mas são amáveis. A Srta. Bingley vai tomar conta da casa do irmão. Se muito não me engano, teremos uma vizinha encantadora. [...] (AUSTEN, 2011, p. 21)

Pela primeira vez, Jane não consegue esconder a decepção ao receber a carta das irmãs Bingley, informando a partida deles e a ansiedade das mesmas para ver ele casado com a Srt. Darcy. Contudo, tais argumentos capciosos não passaram despercebidos de Lizzy, que se indigna e promete descobrir o que aconteceu realmente, pois as julgava arrogantes, mesquinhas e invejosas.

- Que acha disso querida Lizzy? Acho que está claríssimo: Caroline não espera nem deseja que eu venha a ser a sua irmã. Esta perfeitamente convencida da indiferença do irmão para comigo. E, se suspeita de meu sentimento, quer – muito bondosamente – desiludir-me. Poderá existir outra opinião?

- Pode. A minha é completamente diferente. Ninguém que haja visto vocês dois juntos poderá duvidar da afeição do Sr. Bingley. Se houvesse notado o Sr. Darcy a metade dessa afeição por ela, já teria encomendado o vestido de noiva. Acontece é que não somos ricos, bastante importantes para eles. Minha querida Jane, você pode crer que a Srta. Bingley não tem a menor possibilidade de persuadir o irmão de que ele não gosta de você e que está apaixonado pela Srta. Darcy. (AUSTEN, 2011, p. 141)

Embora sonhe com um amor ideal, Jane se descobre amando alguém distante socialmente dela. A impossibilidade desse amor devido a pertencerem a classes diferentes, assusta-a, mas intimamente não deixa de nutrir uma esperança de que tudo seria resolvido entre ela e Bingley. Uma das características marcantes dessa personagem é a sua timidez, que a impede de viver intensamente os momentos por falta de coragem, por medo de ser desprezada por quem ela ama. Mas a timidez não é só dela, Bingley também esconde seus verdadeiros sentimentos com medo da rejeição, que caracterizaria uma vergonha social.

[...] Durante o jantar, a atitude de Bingley em relação à irmã persuadiu Elizabeth de que a sua admiração por Jane, embora mais reservada, levaria

o caso rapidamente a uma solução feliz, caso não houvesse interferências alheias.[...] (AUSTEN, 2011, p .376)

Já Lizzy tem como forte característica a ironia, ela não se abala com mexericos, muito menos com a opinião dos outros. Além disso, não cede às vontades dos outros. Um dos episódios que comprovam este temperamento decidido e viril da personagem é quando vai contra a imposição da mãe, ao rejeitar o pedido de casamento do Sr. Collins, por conveniência financeira.

Dou-lhe a certeza Senhor de que não tenho qualquer pretensão a essa espécie de elegância, que consiste em atormentar um homem respeitável. Preferia que me fizesse a gentileza de acreditar na minha sinceridade. Agradeço-lhe mais uma vez a honra de seu pedido,mas não posso aceitá-lo. Todos os meus sentimentos me proíbem isso. Posso falar mais claro? [...]

[...] – Mas depende do senhor que Lizzy seja chamada a razão. Ela é teimosa e tola e não sabe o que melhor lhe convém. Vou abrir-lhe os olhos.

[...]

[...] – Lizzy afirma que não quer o senhor Collins e o senhor Collins está começando a dizer que não quer Lizzy.

[...] - Entre, Lizzy. Mandeí chamá-la para um assunto importante. Soube que o Sr Collins prôpos-lhe casamento. E você recusou a proposta?

- Recusei papai.

- Muito bem. Agora chegamos a o ponto. Sua mãe insistente em que você aceite. Não é mesmo?

- É isso, do contrario não quero mais vê-la em minha vida. [...] (AUSTEN, 2011, p.132).

O conflito entre a mãe e Lizzy devia-se ao fato daquela ter medo do destino miserável que poderia recair sobre suas filhas caso o pai morresse tão logo. Pois, naquela época, as leis eram muito rigorosas e patriarcais. As mulheres não herdavam a herança do pai, portanto, elas já sabiam que se não casassem bem, ficariam pobres para o resto da vida.

[...] A fortuna de Mr. Bennet consistia quase exclusivamente em uma propriedade que lhe rendia duas mil libras por ano. Infelizmente, para as suas filhas, esta propriedade estava legada a um presente distante, pois não havia herdeiros masculinos diretos (AUSTEN, 2011, p.37).

Novamente, aproximando-se da racionalidade, depois que declina também o pedido de casamento de Darcy por acreditar que ele era um homem frio e calculista, que manipulava as relações amorosas dos amigos, faz o seguinte comentário:

[...] - Desde o princípio, quase desde o primeiro instante do nosso conhecimento, suas maneiras me impressionaram de maneira desfavorável, levando-me a convicção de sua arrogância e do seu egoísmo desdenhoso em relação aos sentimentos alheios. Mal o conhecia e já sentia que o senhor

seria o último homem com o qual pensaria em me casar (AUSTEN, 2011, p.221).

Essa é a maior característica realista da personagem, ou seja, ela esconde seus sentimentos, ou mente para si mesma como forma de proteção. Acredita sempre na perversidade humana, como acreditava que o sentimento de Darcy era na verdade um capricho do homem rico e arrogante que entendia que sua irresistível herança era motivo de toda moça aceitá-lo sem restrições ou risco de rejeição. Por não submeter-se a estes padrões decadentes da época, Elizabeth não hesita e despreza o pedido de casamento de Darcy.

Ainda que Elizabeth se mostre uma excelente observadora, sendo capaz de tirar grandes conclusões a partir de pequenos fatos, isso não impede que ela seja enganada pela dissimulação e sagacidade de outras pessoas. Um desses deslizes cometidos por Lizzy se dá em relação a Wickham, moço que não tinha muitos escrúpulos em relação à desonra de mulheres nem a busca de casamentos por conveniência.

No momento em que o conhece, Lizzy se encanta com os galanteios do soldado e acredita na possibilidade de amá-lo. Ela acreditava que sentiria, portanto, uma paixão racional e planejada, como toda moça à frente de seu tempo.

[...] – No momento, não estou apaixonada, mas sem comparação, ele é o homem mais agradável que já conheci. E, se ele realmente se interessar por mim, acredito que é melhor que não se apaixone. Vejo perfeitamente a imprudência que há nisso [...] (AUSTEN, 2011, p.169)

Como se vê pelo fragmento, quem é racional como Elizabeth não gosta de ficar refém das opiniões ou sentimentos alheios, pois adoram ter liberdade de ação e de expressão. Como racionaliza até mesmo as emoções, medindo os prós e os contras de seus desejos mais íntimos, às vezes, perde grandes oportunidades de amar, como se deu com Darcy. Por outro lado, quando não consegue mais esconder o seu amor por este, começa a ficar introspectiva, ressentida pelas levianas acusações feitas a um homem que, no íntimo, apesar da aparente prepotência, tinha um bom coração.

Por isso, foi uma surpresa para todos o anúncio da paixão entre eles. Ninguém nunca imaginara que pudessem se apaixonar e chegar a um casamento, pois, embora tivessem caracteres bem similares, sempre mostraram uma aversão um pelo outro.

[...] – Ou, em outras palavras, você está decidida a se casar com ele. Ele é rico, certamente, e você pode ter roupas e carruagens ainda mais belas do que as de Jane. Mas você será feliz?

– O senhor tem outra objeção a não ser a sua suposição de que eu lhe seja indiferente?

– Nenhuma. Todos sabem que ele é um homem orgulho e desagradável. Mas isso não teria importância se você realmente o amasse.

– Eu o amo – replicou Elizabeth, com lágrimas nos olhos –, eu o amo sinceramente. Asseguro-lho que ele não tem nenhum orgulho injustificado. É um homem muito bom. O Senhor na realidade não o conhece. Portanto, não me magoe falando nesses termos a seu respeito (AUSTEN, 2011, p.387).

Pelo contraponto que estabelecemos nesta seção, percebemos que Lizzy embora tenha sonhos românticos em relação ao seu futuro marido, ela exercita seu racionalismo. Contudo, Jane é totalmente emotiva e idealiza as pessoas e o mundo à sua volta. Esta, contagiada pela felicidade de suas realizações, sonha com um mundo melhor. Assim, sua intuição se dá pelo caráter sentimental e nunca pela razão como em Lizzy.

CAPÍTULO II - AS DUAS FACES DE JANE AUSTEN: ELIZABETH E JANE

Jane Austen foi para sua época uma mulher de fibra e inteligente, bastante instruída. Em suas produções advogou pelas mulheres, ela não acreditava que a felicidade de uma mulher estaria num casamento, e muito menos que uma moça teria que possuir talentos como, cantar, tocar algum instrumento, desenhar, dançar e falar línguas modernas, para merecer ser chamada de talentosa e ter a licença da palavra. Austen considerava esses “talentos” uma falta de sensatez “um grande risco para a vida social”, para a escolha de um futuro digno da mulher em sua convivência conjugal e social. Muitos desses comentários foram maus interpretados na época e por isso Jane Austen foi criticada como sendo uma escritora impassível.

Embora suas obras tenham sido vítimas de retaliações e censuras no seu tempo, sua ficção nos fornece uma descrição irônica dos costumes e da moral da sociedade final do século XVIII e início do XIX. Aproveitando este quadro realístico da época e das pessoas, pretendemos conhecer quais são as imagens atribuídas ao feminino. Desse modo, nesse ponto da discussão tentaremos aproximar as ideias da autora às das personagens Elizabeth e Jane, por acreditarmos que elas sejam o alter-ego da autora.

Segundo Massaud Moisés (2004), literariamente, é possível definir o alter-ego como a identidade oculta de um ser fictício ou como um artifício do autor de um livro para se revelar ao leitor na pele de um personagem, de forma discreta e indireta. Em geral, ele apresenta muito das características de seu criador, as quais podem ser descobertas em uma análise mais profunda.

Nesse sentido, pensamos que a personagem Elizabeth vai retratar uma Jane Austen racional, perfeccionista, que exige tanto de si mesma quanto das pessoas ao seu redor. Lizzy mostra-se uma mulher que não gosta de depender de ninguém, é livre para agir e expressar, apesar de todas as censuras e repreensões da sociedade. O lado racional de Austen ganha espaço no discurso de Elizabeth, tanto assim que muito da ridicularização das outras personagens o leitor só conhece por meio do olhar e da fala de Lizzy. Dois episódios podem comprovar o que tentamos discutir, num deles está personagem considera imprudente e leviana a decisão de Charlotte em se casar com Sr. Collins, primeiro porque ele era asqueroso e, segundo, por saber que sua amiga não o amava verdadeiramente.

A possibilidade de Collins imaginar-se apaixonado pela amiga [Charlotte] já ocorrera a Elizabeth nos últimos dias, mas que Charlotte o animasse

parecia um despropósito. Por isso, não pode deixar de reclamar: – Noiva do Sr. Collins, minha querida Charlotte! Não é possível!

– Sei como se sente – respondeu Charlotte. – Deve estar surpresa, muita surpresa, já que o meu noivo desejou casar-se com você. Quando tiver tempo para pensar no caso, espero que fique satisfeita com o que fiz. Você bem sabe não sou nada romântica. Só quero um lar confortável. Estou certa de que posso ser feliz, tão feliz quantas muitas se gabam disso depois de casadas (AUSTEN, 2011, p.63-64).

Noutro incidente, Lizzy deduz que Sr. Collins deveria ser um indivíduo pouco sensato e de limitada intelectualidade só pela carta que este envia ao Sr. Bennet, solicitando que lhe fosse concedido uma permissão para visitá-los.

Elizabeth ficou especialmente impressionada com a extraordinária deferência demonstrada para com Lady Catherine e a bondosa intenção de batizar, casar e enterrar os paroquianos, sempre que fosse necessário.

– Deve ser uma ave rara – disse a moça – e não consigo fazer uma ideia de seu caráter. O estilo dele é meio pomposo. E é esquisito que peça desculpas por ser o herdeiro de nossa propriedade. Acha que se trata de um rapaz sensato, papai?

– Não, minha querida, acho que não. Acho mesmo que ele é o oposto disso (AUSTEN, 2011, p.36).

Ao desvendar o verdadeiro caráter de Sr. Collins, Lizzy – não só neste, mas em vários outras passagens – revela-se uma mulher inteligente, teórica e também estrategista, que adora se instruir, reconhecer os fatos e analisá-los.

Em outro momento, ao saber da chegada de um jovem abastado a Netherfield, Lizzy se quer tenta uma aproximação com ele, como tencionavam todas as outras moças da vila. Por duas razões abdica de ser *a escolhida* em favor de Jane: a primeira por saber do sonho da irmã em se casar, e depois por perceber o interesse correspondido entre Bingley por esta.

[...] – Não esperava tal galanteio... – diz Jane.

– Não? Pois eu o esperava por você. Mas esta é uma das grandes diferenças entre nós [...]

Não podia deixar de reconhecer que você era cinco vezes mais bonita do que qualquer um naquela sala. Não lhe fique grata por isso. Na verdade, ele é muito agradável, e eu lhe dou licença para gostar dele. Você já gostou de muitas pessoas mais estúpidas. [...] (AUSTEN, 2011, p.20).

De outro lado, devido a Austen não ter tido um vida cheia de amores e ser reclusa a tal sentimento, ela parece vivenciar esses momentos, com todas as suas alegrias e dissabores, da mesma maneira pela qual ela acreditava que seriam na realidade tais situações.

Ao contrário da vida pessoal da autora, esta história tem um final tanto para Jane, que consegue vencer sua timidez quanto para Elizabeth, que se arrepende de seu orgulho e preconceito. Contudo, mesmo não se realizando como suas personagens, Austen possivelmente terminou seus dias ainda à espera desse ideal de casamento, de sociedade e de homem perfeitos. Com uma morte precoce, deixou tudo que tinha a sua irmã Cassandra com a qual vivia. Em suas últimas palavras disse: “Não quero nada mais que a morte”. Triste realidade para uma mulher de 41 anos” (AUSTEN, 1817 *apud* AUSTEN, 1833, s.p).

Como se sabe, Jane Austen sempre foi uma mulher discreta que não mostrava com facilidade seu lado intimista. Em suas obras, a autora quebra um pouco essas reservas e deixa transparecer seu perfil romântico e sonhador, quando cria uma personagem aos moldes de Jane. A primeira indicação de proximidade entre personagem/autora já começa por terem nomes idênticos. Para nós, Austen, por meio de Jane, revela seus segredos mais íntimos no que diz respeito ao casamento, família e esperança na humanidade. Como já mencionado, esse tipo de personalidade é sempre otimista. Eles conseguem se animar diante da mais difícil situação.

Em vários momentos do romance *Orgulho e Preconceito*, Austen faz esse “jogo” de personalidades entre ela e as irmãs Bennet. Ora revelando-se romântica nos anseios de Jane, ora racional nas atitudes impulsivas de Elizabeth. Assim, se Lizzy aponta sarcasticamente a hipocrisia e a decadência da sociedade inglesa, Jane é o lado da autora que acredita que o bem vencerá o mal e confia, esperando positivamente que o mundo melhore e que as pessoas deixem de ser egocêntricas e mesquinhas. Isso fica claro no momento em que Jane, mesmo sabendo das intrigas de Caroline, ainda assim, não se ressentir por ter confiado na irmã de Bingley.

[...] Estou certa de que você é incapaz de regozijar-se às minhas custas se eu lhe confessar que me enganei inteiramente quanto à afeição de Miss Bingley por mim. Mas minha cara irmã, embora o que se passou tenha provado que você tinha razão, não me acuse de obstinação se eu continuo a sustentar que, considerando a conduta antiga de Caroline, a minha confiança era tão natural quanto às suas suspeitas [...] (AUSTEN, 2011, p. 172)

Jane é crédula quanto às boas intenções das pessoas, porque ela compreende o outro segundo o seu modelo de conduta moral.

Diante do discutido, percebemos que o feminino é muito importante na dinâmica das narrativas de Jane Austen, porque toda mudança perpassa pelas mãos das mulheres. Isto nos remete a uma afirmativa de que *a mão que balança o berço governa o mundo*. Nicolas Berdiaeff vê na mulher “[...] um importante papel [...]. Ela está mais ligada do que o homem à

alma do mundo, às primeiras forças elementares, e é através da mulher que o homem comunga com essas forças [...]” (BERDIAEFF, 1927, p. 162-163 *apud* CHEVALIER, 2003, p. 421). Outro texto que gostaríamos de dialogar é com o de Eça de Queirós, “As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea” em *Uma campanha alegre*. Neste artigo, seu autor também relaciona a mulher ao futuro da nação. No seu ponto de vista,

A valia de uma geração depende da educação que recebeu das mães. [...] A educação dos primeiros anos, a mais dominante, a que mais penetra, é feita pela mãe: os grandes princípios, religião, amor trabalho, amor do dever, obediência, honestidade, bondade, é ela que lhes deposita na alma [...]. Diz-me a mãe que tiveste – dir-te-ei o destino que terá. A ação de uma geração é a expansão pública do temperamento das mães (QUEIRÓS, [1872] 1946, p.105).

Dessa maneira, entendemos que um futuro diferente para todos, inclusive para as novas mulheres, estaria, na opinião de Austen, nas próprias mãos das mulheres, ou seja, na forma como educariam seus filhos. E a mulher só formaria homens lúcidos e revolucionários se também o fossem. Por isso é frequente nas suas ficções, suas heroínas serem leitoras e estarem sempre às voltas com um livro. Mary Bennet é um desses exemplos.

A Sra. Bennet resolveu considerar a festa um cumprimento especial à filha mais velha. Jane previa uma noite feliz. Elizabeth imaginava-se a dançar muitas vezes com Wickham, Até Mary chegou a afirmar à família que, embora desse mais valor a um bom livro, iria ao baile sem relutância (AUSTEN, 2011, p.49).

Em outro momento da trama, Mary dispensa as futilidades dos passeios à leitura de livros.

O grupo era grande, pois as Lucas tinham vindo para saber as novidades de Maria. Lydia, em voz muito alta, enumerava os prazeres da manhã.

– Oh, Mary! Gostaria que você tivesse ido conosco, foi muito divertido. Eu e Kitty levantamos todas as cortinas e fingimos que não havia ninguém no carro. Teríamos ido assim o tempo todo, se Kitty não tivesse enjoado. E a volta foi tão alegre!

Mary respondeu gravemente:

– Longe de mim, minha querida irmã, desdenhar tais prazeres. Mas confesso que não lhes acho encanto. Dou infinitamente mais valor a um livro (AUSTEN, 2011, p.101).

Por compreender precocemente que a leitura modifica mentes, em todos os seus romances ela opina sobre a educação feminina, seja por meio do discurso direto do narrador (3ª. pessoa) ou na boca de suas personagens, como em um episódio em que Lizzy ironiza e argumenta com

Bingley o enfascio e a superficialidade em educar o feminino nos padrões daquela sociedade. Porque a moça, para ser um bom partido, deveria saber bordar, desenhar e valsar, atividades que não a individualizavam enquanto cidadão crítico.

[...] – Uma mulher deve ter amplo conhecimento de música, canto, desenho dança, e línguas modernas para merecer essa palavra (talentosa); e, a parte de tudo isso, deve haver algo em seu ar e em sua maneira de andar, no tom de sua voz, em sua forma de relacionar-se com as pessoas, e em sua expressão que, se não for assim, não merecerá completamente a palavra (AUSTEN, 2011, p. 51).

Seu posicionamento moderno não para nisso, em outros momentos expõe ideias que vão de contra aos hábitos sociais da época, como a figura do tutor ou da governanta na educação das crianças, aspecto tão comum para a época. No argumento de Lizzy, a concepção de educação e boa conduta para os filhos seriam por meio dos pais. Em outro momento da trama, Elizabeth contraria a imponente fidalga Lady Catherine ao dizer que:

[...] Não temos governanta, fazemos tudo por nós mesmos [...]

- Nunca tiveram governanta? Como é possível! Educar cinco filhas sem uma governanta! Nunca ouvi tal coisa! Sua mãe deve ter ficado escravizada à educação de vocês!

Elizabeth não pôde deixar de sorrir ao responder que este não fora o caso.
- Então quem ensinou a vocês? Quem se encarregou da sua educação? Sem uma governanta, ela deve ter sido relaxada.

-Em comparação com a de certas famílias, acredito que sim. Mas lá em casa, às meninas que quiseram aprender nunca lhes faltaram meios para isso. Sempre nos encorajaram a ler e tivemos todos os professores necessários. Mas às que preferiram não estudar foi-lhes feita à vontade.
[...] (AUSTEN, 2011, p. 191).

Como se pode ver, Elizabeth personifica a visão de mundo de Jane Austen, mas a romântica Jane, por outro lado, dosa com emoção essa rigidez da razão. Nesse sentido, podemos afirmar que Austen se realiza nas duas personagens: a primeira na defesa de uma praticidade de conduta, já a outra na revelação de seus desejos femininos mais secretos e, de uma maneira mais genérica, no fato de poder testemunhar o nascimento de uma sociedade inglesa melhor.

Para concluir, possivelmente, Jane Austen não se casou na espera desse casamento perfeito, que pudesse conciliar o direito à sua liberdade de expressão e de decisão ao lado de um homem que a amasse verdadeiramente. O que se depreende de tudo isso é que a autora se

apresenta nas figuras de Jane e Elizabeth, não abrindo mão nem da razão e muito menos do amor. Para ela, era inconcebível casar-se, abdicando-se de todos os sonhos femininos, para cumprir uma exigência social, como fora feito pelas personagens Mrs. Bennet, Charlotte e Lydia.

Finalmente, devemos esclarecer que uma definição rigorosa de quem seria inteiramente o alter-ego da autora não poderia ser feito com facilidade, já que a mesma revelase ora romântica ora racional. Se Lizzy é a voz que sustenta sua reprovação a uma sociedade machista, que vê a mulher como mera reprodutora, Jane não consegue evitar o desejo de se casar e formar uma bela família com alguém que ela pudesse amar.

CONCLUSÃO

Com a evolução da sociedade, com a instrução da mulher, que também vai ser educada por meio do romance, começam a aparecer no século XIX mulheres escritoras. Contudo, naquela época, as mulheres romancistas não tinham o seu devido reconhecimento, já que uma senhora não podia se expor através de seus escritos. No caso específico de Jane Austen, ela não só teve glórias, pois passou por vários impedimentos e aborrecimentos no momento de publicar seus livros. Apesar de ser uma forma honesta de ganhar dinheiro, por puro preconceito ou machismo, os homens que estavam no comando do mercado editorial restringiam ou recusavam a publicação de livros escritos por mulheres, mesmo que a história fosse comercial.

Felizmente, por pura persistência e insistência da autora, suas obras foram publicadas e hoje é possível vislumbrarmos o contexto patriarcal e decadente da sociedade inglesa do século XIX, sob a ótica de personagens inocentes, ridicularizados ou críticos. Seus livros são, em última instância, um importante portador documental da época oitocentista no que diz respeito aos costumes sociais, leis e normas de conduta. Principalmente em relação à condição subalterna e servil com que a mulher era tratada naquele tempo.

Em *Orgulho e Preconceito*, Austen exercitou da melhor forma a sua ironia que, para muitos críticos como Somerset Maugham (s.d), conseguiu superar trabalhos anteriores, principalmente no que diz respeito à personagem complexa, Elizabeth Bennet.

O enredo aparentemente simples conta-nos a história de duas irmãs Jane e Elizabeth Bennet que se comportam diferentemente em relação à vida, especialmente no que se refere ao desejo de casar. Enquanto Jane é mais romântica, pois tem uma concepção idealizada do casamento e das pessoas, sendo incapaz de enxergar maldade nas mesmas, Elizabeth é racional, menos sonhadora. Bastante orgulhosa, ela tem o hábito de fazer julgamentos preconceituosos por suas primeiras impressões. Contudo, será por meio dela que perpassa a visão crítica da época da autora, principalmente em relação ao casamento que era visto como uma instituição financeira. A modernidade de Lizzy está no fato de não permitir, mesmo sob o risco de ser repreendida, que sua mãe lhe arranje casamentos por conveniências.

Elizabeth fala com fluência, pensa com velocidade e gosta muito de debater com as outras pessoas, sempre tentando convencê-las usando a lógica. Quando um racional consegue chegar a uma conclusão, dificilmente estará errado. Ser correto e argumentativo são particularidades do seu caráter. Por exemplo, com já mencionado, quando Jane recebe a carta

das irmãs de Bingley, Lizzy antecipa as conclusões sobre as dissimulações das mesmas. Assim, com astúcia, Lizzy estuda os mecanismos por trás das ações das pessoas, de maneira a compreender suas perversidades e motivações.

Do lado oposto, os sonhos românticos da autora são vividos por Jane, que é tímida e idealista. Ela vive em busca de um grande amor e de se realizar através do casamento.

Por tudo que foi discutido, agora podemos afirmar que Austen identifica-se tanto com Jane quanto com Elizabeth: está na defesa de um lugar digno para a mulher na sociedade, não por méritos domésticos, mas por suas posturas crítica e independente, já a outra na revelação de seus ideais mais íntimos enquanto mulher que, mesmo diante das inevitáveis decepções, não perde a fé no ser humano.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. Tradução Lúcio Cardoso. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

AUSTEN, Jane. In.: AUSTEN, Henry. *Biography of Jane Austen* (1818). Londres, 1833.

BERDIAEFF, Nicolas. Un nouveau moyen age. (1927) In.: CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva et. al. 18ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. pp. 162-163.

CÂNDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia*. dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Braziliense, 1994. pp. 295-296

DENZELOT, J. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980. pp.27-28.

MAUGHAN, Somerset. In.: AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. Trad. Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Edições Ouro, s.d

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOODY, Ellen. *Marriage and the alternatives: the status of women*. The Republic of Pemberley, 2004.

NEVES, Manu d' Eça. *Uma sociedade de mulheres?* In.: *Revista Instituto Humanitas Unisinos* Edição: 210 Data: 5/3/2007. Disponível em: <http://www.unisinos.com.br/ihu>. Acessado em: 20 Set. 2012.

NUNES, Silva Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. pp. 20-22

QUEIRÓS, Eça de. As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea. In.: *Uma campanha alegre*. 6ª. ed. Porto: Lello & Irmão Editores, 1946. pp.105-132

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. p.22

SEIXAS, Larissa Selhort. *Jane Austen e a fantasia de poder em “Orgulho e Preconceito”*. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br>. Acessado em: 02.11. 2012

SULLIVAN, Margaret C. *The Jane Austen Handbook – A Sensible Yet Elegant Guide to Her World*. Philadelphia: Quirk Books, 2007.

TOURAINE, Alain. *Le monde des femmes*. Paris: Fayard, 2006

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Ed. Integral. São Paulo: Nova fronteira, 1928.

ZARDINI, Adriana Sales. *O universo feminino nas obras de Jane Austen*. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acessado em 10.09. 2012